

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

Hélida Medeiros Ribeiro

A GUERRA DE CANUDOS (1896-1897): HISTÓRIA E ESTÉTICA

ARAGUAÍNA
2016

Hélida Medeiros Ribeiro

A GUERRA DE CANUDOS (1896-1897): HISTÓRIA E ESTÉTICA

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal do Tocantins, Campus de Araguaína, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em História, sob a orientação do Professor Dr. Dagmar Manieri.

ARAGUAÍNA
2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

R484g Ribeiro, Héliida Medeiros.
 A Guerra de Canudos (1896- 1897): A História e Estética . / Héliida
 Medeiros Ribeiro. – Araguaína, TO, 2016.
 28 f.

 Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins –
 Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de História, 2016.

 Orientador: Dagmar Manieri

 1. Antonio Conselheiro e a comunidade de Canudos. 2. A
 contribuição da obra cultural para o ensino de História. 3. O início das
 historias dos Beatos Antônio Conselheiro e José Maria. 4. As causas
 das Guerras . I. Título

CDD 901

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de
qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde
que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime
estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica
da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

A GUERRA DE CANUDOS (1896-1897): HISTÓRIA E ESTÉTICA

Hélida Medeiros Ribeiro

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Dagmar Manieri (Orientador)

Prof. Mestre. Samuel Simão (Examinador)

Prof. Dr. Luciano Galdino (Examinador)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela vida que me deste e pelas oportunidades que me proporcionou, bem como pela coragem de superar desafios. A sede em busca do conhecimento faz com que eu tenha ânimo para estudar e para lutar pelos meus objetivos, que creio eu, só alcançarei através dos meus estudos.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Dagmar Manieri pela dedicação e ensinamentos no decorrer da construção desta monografia. Agradeço suas palavras de apoio e incentivo.

A minha família, meu pai Djalma Ribeiro, minha mãe Analía Medeiros Gama Ribeiro, aos meus irmãos: Eliane Medeiros Ribeiro, Elaine Cristina Medeiros Ribeiro, e Walex Medeiros Ribeiro. Que apesar da distância física estiveram sempre presentes com palavras nestes quatro anos de caminhada.

Agradeço a Fundação Universidade Federal do Tocantins – UFT e a todos os professores do colegiado de História, pela grande contribuição na construção deste aprendizado, uns dos responsáveis por esta conquista. Agradeço também ao Coordenador do Curso Luciano Galdino pelo seu apoio e a força.

SUMÁRIO

Introdução7

CAPÍTULO 1

Antônio Conselheiro e a Comunidade de Canudos8

CAPÍTULO 2

A Contribuições da Obra Cultural para o Ensino de História13

CAPÍTULO 3

O Início das Histórias dos Beatos: Antônio Conselheiro e José Maria.....19

Considerações Finais26

Referências Bibliográficas.....27

Lista de Fotos

FOTO 1. Antônio Conselheiro Morto.

FOTO 2. O Beato José Maria.

.

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo estudar a dimensão pedagógica das obras culturais no contexto do ensino de história. A obra, com sua linguagem estética, pode facilitar o aprendizado do aluno. Muitas vezes o livro didático não transmite uma linguagem mais fácil para que possa ser compreendida melhor pelo aluno, assim muitos educadores resolveram complementar o assunto do livro com o uso de filmes que relatam a mesma história. Fica mais evidente o conteúdo quando se trabalha com a linguagem audiovisual, em uma dimensão estética. Assim facilita-se o trabalho dos professores; ao mesmo tempo tem que haver o cuidado com a escolha do filme e com a própria linguagem, para que assim seja usada em salas de aulas.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa aborda a relação entre as obras culturais e o ensino de História nas escolas, destacando a Revolta de Canudos nos principais fatores que acarretaram o conflito de grande proporção, ocorrido no interior da Bahia, no período de 1896 a 1897.

A utilização da obra cultural no ensino de História é um grande desafio. Mas com os escritos de Jorn Rüsen sobre o tema, inicia-se uma nova fase onde a estética pode ser pensada com o intuito de “expressão” do conhecimento histórico. O que Rüsen denomina de “forma expressiva” do processo de conhecimento histórico implica a utilização da arte em uma espécie de “vivacidade”. Assim, a história não teria só uma face (voltada para a pesquisa), mas também um lado expressivo. Rüsen indica a “vivacidade” como um dos efeitos da arte no ensino de História. De forma mais específica em sua obra *História viva* (2010), o pensador alemão comenta que a arte pode ter um efeito libertador. A historiografia em sua dimensão expressiva pode levar o aluno a questionar as coerções de sua vida cotidiana. A arte apresenta uma “força criativa” que pode ser utilizada para dar uma dimensão utópica ao futuro (do aluno). É com base nessas ideias de Rüsen que Helenice Rocha desenvolve sua reflexão. Utilizaremos o capítulo “*A presença do passado na aula de História*” desta autora, inserido na obra *Ensino de História*, organizado por Marcelo Magalhães.

Como exemplo particular, tomamos como ponto de reflexão o filme de Sérgio Rezende, *Guerra de Canudos*. Tal obra fílmica foi analisada por Dimas Batista em um capítulo - *A dimensão hermenêutica de Guerra de Canudos* - da obra *Fenomenologia e hermenêutica histórica*. Também realizamos uma descrição da Guerra de Canudos em seus momentos mais intensos. Aqui, estamos em uma fase da História do Brasil onde a República ainda não se firmara como regime plenamente consolidado. A comunidade de Canudos era entendida como um reduto monarquista e, portanto, tinha que ser esmagada. Assim, neste trabalho, pensamos a história empírica e a estética como fatores para o ensino de História, indicando, no final, as potencialidades da obra cultural para um renovado ensino de História.

CAPÍTULO 1

Antônio Conselheiro e a Comunidade de Canudos

Lugar marcado por misérias, secas, desemprego e uma grande crise econômica e social; tais fatores levaram grandes populações a seguir uma religião em busca de uma absolvição para os humildes povos sertanejos que ali viviam, seria o único consolo pra fugir do clima, da seca e dos flagelos dos políticos. A elite da região se aliou com a Igreja Católica para criar uma pressão sobre a República. Eles ansiavam que se tomassem providencias contra as ações de Antônio Conselheiro e da população sertaneja revoltada. Assim deram anuncio de que Conselheiro era contra a República e que pretendia viajar para várias cidades atrás de fiéis para si, bem como apoiando o retorno da monarquia.

Logo que Antônio Conselheiro chegou a Belo Monte, em busca de justiça para os humildes, o Exército mandou uma tropa para o local com ordens para bombardear Canudos, apesar de não terem nenhuma prova do boato que foi dito contra o Conselheiro a república. Assim foram fuzilados e massacrados mais de vinte mil sertanejos e cinco mil soldados do Exército.

Antônio Vicente Mendes Maciel é o verdadeiro nome de Antônio conselheiro, nascido no Ceará numa pequena cidade chamada Quixeramobim, em 13 de Março de 183. Originário de famílias sertanejas, ele tinha formação em advocacia. Atuava como professor; tinha uma vida normal. Casado, sua imagem era de um verdadeiro chefe de família. Após um certo tempo sua esposa o abandonou, fugindo com outro homem (um oficial do Exército).

Com o trágico acontecimento familiar, Antônio Conselheiro passou a ficar sozinho, isolado de tudo e de todos; andava vagando pelas ruas completamente abandonado, como um morador de rua; Por volta de 1893, chegou à região de Canudos. Com o passar do tempo ganhou um título de líder de um arraial e passou a ter vários seguidores. O novo regime republicano, ao separar a Igreja Católica do Estado, passou a ser observada com desconfiança perante a população católica.

Nos século XVIII, surgiu no interior de Bahia um pequeno povoado que foi batizado de Canudos, lugar onde vivia pessoas humildes, sofridas, iludidas, sonhadoras.

Elas lutavam por uma vida mais digna, na tentativa de fugir da miséria, da seca e da guerra.

Com a chegada de Antônio Conselheiro ao povoado por volta de 1893, o vilarejo passou a crescer. O pequeno lugar passou a habitar mais de 25.000 pessoas, o qual passou por uma imensa modificação; primeira mudança feita por Conselheiro corresponde à troca de nome do vilarejo, de Canudos passou a se chamar de Belo Monte, lugar que indicava a felicidade para com todos que ali habitavam.

Esse fato ocorrido foi um grande golpe para a República, uma traição da parte de todos que colaboraram com o Conselheiro; esse novo líder ameaçava os novos poderes da República

Também com a chegada de muitas pessoas para a região, fez com que os governantes tomassem uma atitude para com Antônio Conselheiro, pois ele tinha um imenso poder de influenciar as pessoas e que as colocasse contra a República, eles decidiram que Conselheiro tinha que ser punido, pois os governantes ficaram muito assustado com o beato; No decorrer dos tempos a população nordestina de Belo Monte, construíram uma imagem de Conselheiro como peregrino da democracia, isso foi a última gota d'água para a República, com a chegada da mídia sobre o assunto da imagem de Conselheiro, fez com que ele ganhasse apoio das opiniões públicas do Brasil para um confronto com esses seguidores sertanejos de Antônio Conselheiro, que esse ato servisse como desculpas para as guerras iniciarem.

Para dar início as guerras os governos precisaria de dinheiro, e o único lugar que sairia essa verba era dos altíssimos impostos pago pelos sertanejos a República; A maioria dos povos seguidores de Conselheiro veio já de outra história eram todos ex - escravos que procuravam abrigo, pois o período da escravidão havia terminado a pouco tempo, pôs tinha muitos vagando sem rumo, daí eles decidiram a seguir Conselheiro em busca de uma vida nova para eles sem sofrimento.

Nos passar dos tempos essa figura que surgiu em Canudos e logo fez grandes mudanças como a troca de identidade do vilarejo até mesmo a sua própria identidade; Um indivíduo que exerce enormes influencias no espirito de classes populares, para manter uma aparência de poderoso, uma espécie de ser Divino assim deixou crescer a barba e os cabelos deixando- os totalmente brancos, ele era visto pela população como um ser sábio, integro, inteligente até mesmo poderoso cheio de gloria e benção, suas vestes eram túnicas brancas sempre tinha que ser cores clara, diziam alguns dos seus fiéis que ele se alimentava de oração, as vezes comia muito pouco só

pão e água, a oração é uma das suas atividades preferida e a outra é aconselhar o povo sofrido e desesperado de Belo Monte.

Em 1896 dá-se início às primeiras batalhas em Canudos. Foi o período que Conselheiro planejava a construção de sua igreja; ele havia feito uma grande encomenda em outra cidade, em busca de matérias para a obra, havia comprado madeiras para levar até Canudos para dar início ao primeiro templo de Belo Monte; Essas mercadorias foram compradas em Juazeiro só que as matérias não chegaram em seu destino que era em Canudos apesar de todos os itens já estarem pagos, as forças armadas queriam que os seguidores de Conselheiro fossem até lá para buscar as matérias, tudo era uma armadilha para pegar os fiéis e seu líder, quando o exército percebeu que eles não iriam resolveram invadir Canudos logo pela madrugada.

A Guerra iniciou-se em 24 de Novembro, em uma madrugada obscura de dar arrepios. O que o Exército não esperava era que os seguidores de Antônio Conselheiro já estavam no local, todos armados na espera dos militares. Esses últimos foram surpreendidos com tiros, pauladas, pedras. Assim, Belo Monte se tornou um lugar violento, sangrento em vez de paz que tanto queria os sertanejos. Os seguidores do beato planejavam suas estratégias de maneira simples usando apitos para se comunicar com os outros, eles eram ágeis, espertos, passaram um grande período obtendo vantagens durante a guerra.

Logo após perceberem que estavam perdendo a batalha para os fiéis, os militares pediram reforço. Foram mandados para Canudos um grande número de soldados e uma quantidade enorme de armamentos potentes, como canhões e fuzis. Já as armas dos seguidores do beato eram facões, foices, pau, pedras e espingardas, chuços de vaqueiros, ferrões e forquilhas. Assim os militares foram destruindo todas as casas de Belo Monte, colocando fogo em tudo que viam pela frente. Essas batalhas demoravam muito cerca de cinco a seis horas, no puro pânico e terror. Finalmente a vitória passou a ser dos militares.

Havia muitos sertanejos que não queriam abandonar suas casas; deixaram o vilarejo para trás. Decidiram lutar pelo seu vilarejo até o fim e proteger, assim, seu líder. Já o Conselheiro não lutava, mandava representantes para o confronto e lutar pela nova comunidade. O beato, durante as batalhas, ficava numa espécie de capela, orando pelos acontecimentos e a proteção de sua gente.

A segunda batalha iniciou-se em 1897 no mês de Janeiro, onde os jagunços fortificavam a entrada nos arraial. Era uma expedição que comandada por Febrônio de Brito, que deu início à segunda batalha entre militares e os conselheiristas de Canudos. Desta vez os sertanejos se organizaram melhor. A nova batalha foi travada com mais armas e uma intensa coragem.

Os “fanáticos” de Antônio Conselheiro aprenderam um novo método de defesa. Queriam ser mais ágeis e fortes; começaram a observar os militares, sua estratégia, tudo isso com a ajuda de um soldado capturado. Daí por diante novos métodos foram elaborados para as batalhas. No dia 18 de Janeiro começa a segunda etapa da guerra. Foi um longo período de horrores em Belo Monte, mesmo com todos os acontecimentos, os seguidores mantiveram com equilíbrio a guerra, não havendo vencedores neste momento.

Em 1897 do mês de Março dá-se início à terceira etapa da guerra. O Exército, aliado da República, fez uma troca mudando os comandantes em Canudos. O novo escolhido foi o coronel César Moreira, militar bem visto pelos militares por ter a fama de herói. Neste período de guerra, César Moreira deu ordem aos militares que atuassem fogo nas casa do vilarejo. Aquele que não se rendesse teria sua cabeça cortada. Logo em seguida o coronel César Moreira é morto pelos fiéis de Conselheiro. Seu substituto é o coronel Tamarindo. Aqui, já estamos na última fase da guerra. Os soldados em batalha começaram a ter enormes dificuldades, pois os sertanejos já possuíam um bom armamento. Os mantimentos estavam já no fim. Vendo as dificuldades dos soldados, o Ministro da Guerra elaborou uma estratégia pra poder levar os mantimentos até as tropas: ficavam em cidades vizinhas para não ser visto pelos sertanejos.

Os militares tinham que se deslocar até às cidades para poder pegar os mantimentos. Era uma estratégia muito perigosa, mas tinha que ser feita para resistirem até o final da guerra. Em 1897 do mês de Setembro, os militares conseguiram cercar toda Belo Monte; já não havia saída para o povo sertanejo. Muitos deles se renderam; pegavam em um pano branco, amarravam em um cabo, fazendo assim uma “bandeira” para se render. Acreditavam na falsa promessa da líderes do Exército da República de que garantiriam suas vidas.

Havia muitas crianças e mulheres. Todos os que se renderam foram mortos e, posteriormente, suas cabeças cortadas. A Guerra de Canudos teve como resultado um das mais violentas confrontos bélicos do Brasil. Os sertanejos resistiram até outubro de

1897, quando já não havia força para as batalhas, nem esperança. Tudo foi se findando com a morte dos protetores de Conselheiro, assim como após sua morte.

Em 22 de Setembro de 1897 foi o fim para Antônio Conselheiro. Foi o término do intento utópico de se formar uma nova comunidade. Até hoje ninguém soube explicar exatamente a causa da sua morte; muitos falam que foram os militares que o mataram, outros dizem que foi devido a uma doença provocada por estilhaço das batalhas. Enfim, a República pode descansar após o massacre da comunidade de Antônio Conselheiro. O corpo do beato foi encontrado dias depois, sob os escombros da Capela. Os militares cortaram sua cabeça como o troféu de guerra.

Tempos depois mandaram o corpo de Antônio Conselheiro para uma universidade da Bahia, onde passou por análises: queriam estudar os traços de “santo”. Em 1905 um incêndio na universidade destruiu os restos mortais do beato.

Capítulo 2

A Contribuição da Obra Cultural para o Ensino de História

Uma das temáticas que iremos discutir ao longo deste capítulo é o conceito de representação (sobre os filmes para o ensino de História). Desde a década de 1950 a história vem buscando uma série de novas temáticas; foi a terceira geração dos *Annales* que marcou firmemente a busca por novas abordagens do objeto histórico.

No entanto deste o ano de 1970, os filmes foram consagrados definitivamente como fontes históricas. Esse crescimento da história cultural se deu pelo fato da sistematização e das relações que houve entre a história e a mídia dos cinemas no sentido de guturalização, no decorrer dos tempos os filmes tiveram outro olhar para si, um olhar de crescimento e de renovação e construção do mundo; A História cultural foi se expandindo cada vez mais e fazendo novos conceitos de uma representação no centro historiográfico, um novo conceito aplicado foi uma das propostas de Roger Chartier sobre a história cultural que se tornou uma das questões mais conhecida e uma das mais série de dilemas teóricos dos historiadores a lidar com objetos e exclusivamente os filmes.

Chartier busca uma reflexão completa sobre o papel do historiador, ele trabalha uma das condições de produzir mais agentes da prática historiográfica, umas das propostas fundamentadas do autor é questionar a ideia de fonte em quanto testemunho de uma realidade, passando a ser concebida como um instrumento de mediação que vem nos mostrar que a realidade pode mostrada através das representações como realidades de múltiplos sentido. Ao mesmo tempo Chartier mostras outros tipos de práticas como as sociais que não são produzidas como as “representações” no entanto são autônomas, por esse motivo o autor relata que a ideia de aceitar as representações de forma que elas podem ser portadoras de diferentes sentidos, ou seja, ele revela uma maneira de pensar sobre as evoluções.

Assim como Chartier aborda as questões da história cultural, analisaremos as representações dos filmes para o ensino. O cinema brasileiro apresenta essa dimensão educativa, assim como a literatura. Mas alguns professores questionam esse método didático (filmes) se perguntando: De que forma uma obra cultural pode funcionar como

suporte pedagógico? Dessa forma muitos educandos resolveram fazer um teste, utilizando uma outra linguagem a da audiovisual, muitos profissionais da educação notaram que muitos docentes tinha mais facilidades de apreender assistindo filmes, ao invés das leituras nos livros didáticos; Analisando as escolas sobre como, fica nítido entender porque ocorre tendências ao discurso, geralmente as aulas são de forma mais abrangentes como, trabalhar com as escritas e leituras, segundo aquele método tradicional esquecendo a utilização de outras linguagens que de vez se tornaria mais agradável em um ensino mais satisfatório para o aluno.

A utilização de obras culturais nas escolas ocorreu na década de 1990, com a difusão e popularização do formato VHS. Havia, por parte de muitos professores, uma espécie de pessimismo. Hoje esse pensamento foi modificado com relação às obras culturais. Vamos tomar como exemplo o filme de Sérgio Rezende, *Guerra de Canudos*. Muitos educadores utilizam esse filme para se ensinar o pré – modernismo, a história de Canudos na literatura de Euclides da Cunha, ao mesmo tempo incentivam os alunos à leitura em busca do conhecimento e as “viagens” feitas através dos livros. As disciplinas de História e Literatura caminham de mãos dadas no sentido de uma boa interpretação dos acontecimentos.

A Guerra de Canudos que durou cerca de um ano, foi liderada por um beato, Antônio Conselheiro. A guerra também ficou imortalizada pela literatura na obra *Os sertões* de Euclides da Cunha. Roger Chartier relata que a literatura se restringia às peças teatrais; ele deixa explícito que é possível fazer um estudo objetivo e claro com a humanidade, usando as pesquisas sobre a proximidade entre homens e os textos (CHARTIER, 2009).

O autor por trabalhar essas questões da literatura em suas pesquisas, aborda um aspecto importante para nossos estudos: a importância das práticas da leitura no mundo moderno e contemporâneo e a universalização do ensino. Chartier aborda outros aspectos sobre as mudanças no ensino, o uso de novas técnicas para aprofundar o ensino e, assim, facilitar para o aluno novos meios de aprendizagem, como a utilização de filmes, peças teatrais e até mesmo a prática da leitura.

A relação dos filmes para a educação é algo que vem sendo praticada por muitos educandos. Eles ressaltam que a relação entre o cinema e o conhecimento excede o campo da educação formal, sempre em busca de novas relações entre as artes e o ensino de história. Assim, notamos que a variedade de saberes que comporta

a arte possibilita uma boa utilização na sala de aula. A utilização da arte como ferramenta para o ensino-aprendizagem auxilia os alunos a apreenderem os diversos aspectos da obra: cultural, histórico, políticos, etc.

No entanto o uso da obra cultural no ensino de história trouxe enormes contribuições. No exemplo do filme *Guerra de Canudos* podemos seguir a análise de Dimas Batista. Em *A dimensão hermenêutica de Guerra de Canudos*, Batista comenta que o tema da violência lhe chamou a atenção. Mas na obra, a violência é algo representado. Um dos méritos do filme é enfatizado por Dimas Batista:

A narrativa do filme Guerra de Canudos vai construindo aos poucos e com rara sensibilidade o dia-a-dia do sertanejo do Nordeste brasileiro, encaixando luz, som e cores de modo sincrônico e diacrônico. Ou seja, Sérgio Rezende consegue tecer uma trama político-social que desnuda o ethos do sertanejo, mas, ao mesmo tempo, o caráter nacional: centralista, violento, excludente e elitista (BATISTA In: MANIERI, 2016, P. 167).

O autor Dimas José Batista relata neste capítulo a dimensão hermenêutica da Guerra de Canudos. O autor também aborda a temática da violência no ambiente sertanejo. Tal fato é bem representado na obra fílmica de Sérgio Rezende em *Guerra de Canudos*. Para interpretar uma obra cinematográfica é preciso um esforço de ordem mais abrangente, pois há uma postura filosófica na linguagem fílmica.

A ideia do cineasta Sérgio Rezende, na obra fílmica, foi apresentar as várias representações da Guerra de Canudos. Neste ambiente de violência, como apreciar o belo? O que impressiona na obra cultural de Sérgio Rezende são os detalhes. Os objetos que o cineasta nos apresenta estão plenos de historicidade. Até mesmo as falas, que o cineasta resgata, retratam o conflito da região.

O filme também trabalha com habilidade com o tema da memória. Dimas Batista comenta que há uma “estética da memória”, como nos exemplos dos registros fotográficos: “Ao retratar o aparecimento no Brasil e, mais, a interiorização da fotografia e do fotojornalismo no país, redimensiona a compreensão que o próprio sertanejo terá do registro da memória” (Ibid., p. 170).

Muitos educadores estão utilizando o método audiovisual para o ensino. Recorrendo a uma história verídica e transformando em peças teatrais, onde os atores são os próprios alunos. Também utilizam filmes com base no assunto que estão trabalhando em sala. Essa foi a ideia do diretor de *Guerra de Canudos*, Sérgio Rezende:

produzir uma dramaturgia de uma forma que o povo brasileiro entendesse o acontecido em Guerra de Canudos.

Assim são as contribuições do cinema e da literatura para o ensino de História. Outra questão da Guerra de Canudos vivenciada pelo próprio autor da história, Euclides da Cunha, na obra *Os sertões*. Aqui, o autor relata as secas, misérias e muito sofrimento no povo sertanejo. A obra foi publicada em 1902; relata a própria guerra no interior da Bahia. O autor revela a guerra em seus vários momentos (que ele pode presenciar como correspondente do jornal *O Estado de São Paulo*).

Mas já sabemos que é quase impossível ver que a história não busca necessariamente a “verdade”; hoje em dia a história se preocupa com versões e interpretação, cultura e mentalidades. O autor da obra *Os sertões* na verdade só chegou em Belo Monte nas últimas semanas do conflito e presenciou muito pouco da guerra. Metade da história corresponde a depoimentos de sobreviventes; nesta obra literária de Euclides da Cunha podemos ter um exemplo de como a geografia e a sociologia somam-se para explicar um conflito social.

A história relata a vida de uma sociedade oprimida pela seca. O autor faz uma descrição do comportamento do homem sertanejo; comenta sobre suas crenças, costumes e também descreve a figura de Antônio Conselheiro, o líder do arraial. A obra relata as lutas em Canudos; a experiência do próprio autor no arraial durante as expedições militares contra os fiéis. Cenas de horrores foram vistas por ele, misérias, secas, crueldade: assim relata o autor Euclides da Cunha. Até os dias de hoje a população nordestina vive essa luta contra a seca e a miséria.

Notamos também que para o ensino de História é importante refletir sobre as semelhanças dessas guerras. Como estamos analisando a guerra de Canudos, cabe ressaltar também a Guerra do Contestado, as duas aconteceram após a Proclamação da República em 1889. A de Canudos ocorreu entre os anos de 1893 a 1897 no Estado da Bahia sendo que a do Contestado foi na divisa do Paraná com Santa Catarina. Essas guerras ocorreram pelos mesmos motivos, ou seja, uma crise econômica com respostas na questão religiosa.

A Guerra do Contestado foi um conflito armado que ocorreu no sul do país no mês de outubro de 1912. Foi um período de destruição e morte: cerca de vinte mil camponeses entraram em batalha com os militares. Esse nome de “guerra do

Contestado” foi dado por ser uma disputa territorial entre camponeses e governantes; os humildes foram despejados de suas terras.

Contudo gerou uma enorme crise onde os camponeses não tinham emprego para sobreviver; daí sobreveio a fome, a miséria: uma tragédia para as famílias humildes. Foi quando surgiu a figura de um religioso chamado monge José Maria. Este último pregava a paz, de forma parecida a Antônio Conselheiro. Um discurso endereçado àqueles camponeses. Palavras de conforto e esperança, que sinalizava um melhor futuro. Neste clima de esperança, todos viveriam em paz com muita fartura e justiça para todos.

José Maria que durante sua passagem por ali se tornaria líder dos povos camponeses, conseguiu reunir milhares de seguidores. O poder local começou a se preocupar com o monge em sua posição de líder contra o governo. Daí por diante o acusaram de traidor, inimigo da República, que merecia ser condenado. Foi o começo de uma longa batalha entre o Exército e os fiéis de José Maria. A ordem dos superiores era para destruir toda a comunidade existente. Seus fiéis tinham em mãos poucas armas para o combate, como madeiras, pedras, foices, facões, enquanto os soldados utilizavam armas de fogo. A maioria dos camponeses foi morta pelos militares; o conflito só terminou por volta do ano de 1916, com a prisão de uns dos rebeldes que pegou a pena de trinta anos. Uma reflexão sobre esses acontecimentos históricos e suas dimensões para o ensino de História está na utilização de filmes. Tais obras mostram a forma de os políticos e os governantes tratarem as questões sociais no início da República. Por esse motivo os professores adotaram essas técnicas do uso de filmes em salas de aula. O objetivo é transformar uma aula excessivamente palestrante em algo voltado à interação e socialização dos conteúdos. Muitos professores utilizam uma prática sem qualquer planejamento ou debate. Neste sentido, o filme não pode ser inserido no ensino de História só como “complemento”.

Para ter certeza de que os filmes em salas de aulas estão dando resultado é importante fazer atividades avaliativas sobre o conteúdo do filmes e qual sua relação tem com o tema estudado. Percebemos daí a importância dos filmes históricos como no caso de *Guerra de Canudos*, frequentemente muito utilizado em sala de aula. Isto vem trazendo grandes resultados para a prática pedagógica. A linguagem cinematográfica é complexa e mistura emoção com o desenvolvimento do enredo, ação e músicas, mistério, desafio e suspense; por esse motivo os filmes em sala de aula trazem a possibilidade de comunicação, principalmente com os jovens. Apresenta um imenso

potencial de aproveitamento no processo educativo, mas cabe também ao professor saber fazer uma boa escolha da linguagem fílmica.

Sobre a utilização dos recursos visuais no ensino de História, temos que nos atentar para o que Helenice Rocha afirma em “*A presença do passado na aula de História*”. Ela enfatiza que os professores devem focar a “eficácia comunicacional”. Com fundamentação em Rüsen, ela nos insita a pensar sobre a “divulgação histórica”. Aqui, a estética surge com uma enorme força didática:

Tais narrativas oferecem elementos de contextualização para diferentes realizações no campo da arte e da comunicação social, com pouca dependência da história produzida pelos historiadores. Romances, novelas, filmes, representações pictóricas recolhem do passado elementos oferecidos pela história e pela memória que funcionam como moldura referencial para sua expressão (ROCHA In MAGALHÃES, 2014, p. 38).

Ao comentarmos sobre estética, estamos no campo da cultura histórica. Tal divulgação histórica seria concretizada com os “produtos culturais”. Esses últimos facilitariam o “acesso ao passado”. Como bem enfatiza Rüsen, na divulgação histórica o método científico é deixado em segundo plano. Isto não quer dizer que se possa veicular (expressar) falsos conteúdos. A História deve permanecer como ciência, só que na fase da expressão adquire uma dimensão estética. Helenice Rocha utiliza o termo “tradução”:

É o caso dos produtos culturais adjetivados como históricos, entre eles filmes. Em outros, o passado é cenário ou contexto, fornecendo elementos referenciais de realidade. Em outros ainda, a presença do passado está em objetivos deslocados no tempo, em referências geracionais ou em lugares que evocam o passado, mas em cenários atuais. Mesmo quando a atualidade é o cenário, é preciso apresentar um conjunto de indicadores para sua percepção como atualidade (Ibid., p. 43).

Como podemos perceber, a obra de arte apresenta-se com um enorme potencial didático. No espaço escolar o conteúdo histórico não deve ser veiculado de modo “frio”; deve-se “amarrar” as vivências dos alunos ao conteúdo histórico. O que Helenice Rocha denomina de “efeito de presença” é a exploração da vivacidade da estética para um valor didático. Isto significa a criação de novas alternativas para o ensino de História.

Capítulo 3

O Início das Histórias dos Beatos: Antônio Conselheiro e José Maria

Já vimos no capítulo anterior um pouco da trajetória de Antônio Conselheiro. Oficialmente apresenta como nome de batismo Vicente Mendes; durante muitos anos antes de se tornar um beato (líder religioso), era um homem comum, nascido numa cidadezinha do Ceará chamada de Quixeramobim em 13 de Março de 1830. Ele faleceu em Belo monte (Canudos) no sertão da Bahia, em 22 de setembro de 1897.

Conselheiro era considerado um fora-da-lei pela cúpula nordestina. O beato era filho de comerciante; seu pai se chamava Vicente Mendes Maciel e sua mãe Maria Joaquina de Jesus. O beato logo ficou órfão de sua mãe, que foi vítima de uma parada cardíaca e seu pai não se sabe a causa da morte. Neste período, Antônio Conselheiro tinha apenas seis anos de idade e estudou algumas disciplinas como matemática, português, latim, francês e outras. Seu robe era ler, amava história principalmente de aventuras, lendas sobre o povo nordestino. Quando completou vinte e sete anos veio a tragédia que o abalou: a morte do pai. Ele teve que tomar conta dos quatro irmãos e dos negócios da família: era um verdadeiro chefe da família dali por diante.

Assim durou até dois anos à frente dos negócios da família. Trabalhava numa escola como professor; era uma escola fazenda. Nesta região, Conselheiro ia se arranjando; logo em seguida foi promovido a um cargo melhor, de escrivão de cartório. Ele era responsável de levar todos os pedidos, ao poder judiciário, depois começou a trabalhar como advogado, apesar de não ser diplomado. Conselheiro na verdade estava se encaminhando bem. Era um homem inteligente, que sabia realizar negócios; nem imaginava que sua vida teria outro rumo.

Cinco anos depois Antônio Conselheiro se casa. Estava apaixonado e dedicado a sua esposa era um bom marido, logo depois cansada de sua vida perfeita sua esposa partiu em buscas de aventuras e novas paixões, dizem que arrumou outro marido que era um policial, assim deixando tudo para trás ela se foi com este militar, foi um grande golpe para Conselheiro foi uma das maiores traições vivida por ele, em seguida ele enfrentou uma terrível depressão não queria ver ninguém, não queria mas trabalhar nem comer chegou ao fundo do poço, ele não tinha mais vontade de viver, então decidiu abandonar tudo deixando assim seu lar, para vagar pelas ruas sem rumo sem destino

em fim sem ninguém; com o passar dos tempos Conselheiro aprendeu mexer com construções trabalhava em capelas de igrejas para poder se manter, foi então que chegou no sertão um padre chamado de Ibiapina ele pregava para os pobres dava conforto para os corações aflitos pregava a esperança e paz, entre os povos nordestino ele era conhecido como mensageiro da paz, que leva o bem a todos e praticava leituras bíblicas e divulgavam a palavra de Deus, Conselheiro resolveu seguir o padre e a aprender a ser como ele.

Logo depois do seu avanço, Conselheiro fica a altura do padre e sai pregando em todas as cidades, com sua fama repentina conselheiro foi batizado pela população de Antônio Conselheiro que durante pouco tempo reuniu uma grande população de fiéis para segui-lo por todas as cidades nordestinas levando a palavra aos pobres ele passou a ser admirado pela população sertanejas ele tinha muito carinho com os humildes, isso acarretou muitos inimigos para Conselheiro que se sentia ameaçados por eles; Houve fazendeiros que deixaram tudo para trás para segui o beato ele possuía povos leais a ele, logo os fiéis e seu líder se mudaram de cidade e se alojaram em Itapecuru, no sertão da Bahia onde eles criaram o seu arraial chamado de bom Jesus, onde eles praticava as suas orações e devoções.

No ano seguinte Conselheiro foi acusado de assassinar sua esposa; foi preso no Ceará onde novamente passou por grandes aflições, ele passou muito tempo preso durante seu julgamento conseguiram provar sua inocência de um crime que nunca o cometeu, seu apetite pela devoção aumentou sem medidas cada vez mais, durante o período que passou preso seu carinho e admiração pelos pobres cresceu incondicionalmente, por causa do acontecido os seus seguidores batizaram ele como Marte; O número de fiéis cresceu absurdamente cada vez mais eram tantas pessoas que não cabia mas ali, eles se mudaram para outra cidade bem desconhecida chamada de Canudos, eles montaram seu arraial definitivamente ali no ano de 1893, o povoado ficava as margens do Rio Vaza-barris onde habitavam muitos sertanejos sofridos pela fome, seca, misérias e doenças, e não possuíam a atenção dos governantes.

Conselheiro logo que se alojou ali queria mudanças para aquele lugar, primeiro construiu seu abrigo em uma fazenda abandonada que virou também a casa dos seus seguidores, Canudos era uma pequena aldeia que se localizava na Bahia, com o tempo e com as suas adaptações no local, o beato e os seguidores saíram evangelizando em Canudos, durante pouco tempo a região toda já havia se convertido em busca de

salvação da miséria, a primeira mudança no local foi o nome que Conselheiro deu para Canudos que seria dali por diante chamada de Belo Monte lugar só de alegria e paz; Durante alguns anos aquela aldeia virou uma cidade habitada por mais de vinte cinco mil pessoas o seu progresso foi enorme, logo várias casas foram construídas e gente chegando a todo momento para assim seguir o beato; Canudo prosperou teve uma grande mudança, logo os boatos começaram a surgir contra Antônio Conselheiro, esses boatos chegaram até os poderosos do local onde dizia que Conselheiro era contra a República e que tinha grandes poderes de influenciar, pois seria agora por diante inimigo e ante democrático.

No ano de 1896, Conselheiro e seus seguidores queriam construir seu templo em Belo Monte. Um templo grande e que acomodasse muitos fiéis. O beato foi a Juazeiro para comprar os materiais para a obra. Comprou uma enorme quantidade de madeira, mas a perseguição contra ele havia começado. Os líderes políticos deram ordem para que não levasse o produto para Canudo. Quando chega em Belo Monte Conselheiro dar a ordem para seus seguidores ir buscar a madeira até Juazeiro para que começasse a obra, só que era um plano para capturar os seguidores junto com seu líder religioso, todo exército estava a espera deles, só que os fiéis também foram avisado da emboscada daí por diante a guerra iria se iniciar.

A primeira etapa da guerra foi muito sangrenta, para o povo do arraial eles tiveram que passar por diversas formas de sofrimento, a guerra de Canudos foi um acontecimento que ocorreu no Brasil no sertão baiano durante os séculos XVIII, entre 1896 a 1897, o início da guerra foi uma batalha entre sertanejos e o exército republicano que era comandado por Marechal Floriano Peixoto, ele era quem bloqueava os bens dos sertanejos em forma de impostos ele dizia que tudo que a população tinha teria que ser confiscada em forma de imposto para eles; Foi quando Antônio Conselheiro chegou para brigar por causa destes absurdo contra a população ele era contra ter que pagar impostos, e fazia com que os sertanejos também não o pagasse e também ignorava as ordens da República.

No início desta guerra Conselheiro chegou a uma casa em Canudo de um homem chamado Zé Luceno que também sofria muito devido os acontecimentos, ele foi influenciado pelo beato a segui – ló em busca de salvação, Luceno e toda sua família deixaram suas casas para segui-lo; a exceção foi umas de suas filhas que se chamava Luiza: decidiu que não iria seguir Conselheiro pois não era o beato que iria mudar sua vida. Luiza foge para um lugar não muito familiarizado, pois havia se tornado prostituta,

logo conheceu um homem (Arimatéia) que se casou. Assim ela permaneceu com ele por um bom tempo, enquanto sua família permanecia com o Conselheiro.

Luiza já em meio à guerra conhece um soldado e logo abandona seu esposo para fugir com o soldado em direção a Canudos, ela faz outra tentativa pedindo que seus pais abandonassem o beato, só que seus pais já era leal de mas para deixar o beato eles resolveram lutar até o fim junto a ele, Luiza o amaldiçoa e diz que odeia Conselheiro, muito ofendida sua mãe daí – lhe um tapa e pede respeito com o pai, ou seja, por Conselheiro porque ele sim traria resultado para os sertanejos, e acabaria com essa República golpista e ante cristo. O pai de Luiza era uns dos líderes de Conselheiro (Zé Luceno) ele era o mais de confiança que o beato tinha ele lutava com todas as forças pra proteger Canudos, a guerra já estava em alta muitos fiéis foram mortos, assustado com a quantidade de mortos muitos sertanejos levantaram bandeira branca se rendendo, e pedindo perdão para a República foram mais de mil e quinhentas pessoas que se renderam, logo a ordem foi para decapitar todas essas pessoas que se renderam, inclusive a mãe de Luiza que foi capturada pelos soldados.

Com a morte de sua esposa, Luceno resolve que eles tem que se fortificar teriam que aprender novas técnicas e novos armamento para que pudesse enfrentar o exército, eles aprenderam técnica idênticas as dos soldados e conseguiram armas potentes, eles capturou um militar que passava todas as informações para eles assim eles se capacitou para a batalha; Para compreendermos melhor as razões da guerra vamos voltar lá atrás nas raízes dos problemas, que foram as razões política, neste período o país estava passando por momentos importantes como a ebulição que ocorreu no Brasil no ano de 1888, quando a princesa Isabel assinou o decreto da lei áurea, na qual estaria libertando todos os escravos que serviam os senhores de posse, neste mesmo ano sucedia á outro acontecimento que foi a dos militares que foi no ano de 1883, também tinha outro assunto em debate a dos oficiais que queriam a presença de militares na política do país; Outro fracasso da política foi a derrubada da monarquia que de imediato não teve guerra houve só uma provocação ante – Republicana.

No ano de 1891 foi aprovada uma nova constituição, que fez com que o Brasil se tornassem uma República federativa que houvesse um presidente para comandar – ló como em outros países, assim o Estado criou força e não mais precisaria do apoio da igreja católica para mais nada, esse foi uns dos fatores principal para que houvesse essas guerras.

A região de Canudos estava em guerra pelo fato do beato não aceitar a República, pois o Tenente Manuel Ferreira foi mandado a Juazeiro e outras cidades da região. Mas ele foi atacado pelos nordestinos, em Vinte e um de Novembro e morto. Foi preciso quatro expedições para que a guerra chegasse ao fim; todo o arraial sertanejo exterminado. Depois de três dias após o combate os soldados encontram o corpo de Conselheiro; ninguém sabe exatamente a causa de sua morte. Uns diziam que foi estilhaços que caiu sobre ele e que o beato já estava doente e muito fraco. Seu corpo foi levado para uma universidade para que fosse estudo.

FOTO – 1 Antônio Conselheiro Morto

FOTO – 1 Antônio Conselheiro Morto.



Acervo museu de história, 1999, São Paulo.

Já a história da Guerra do Contestado vimos um pouco no capítulo anterior e percebemos que foi muito semelhante à Guerra de Canudos. Os conflitos comportavam semelhantes fatores políticos e sociais. A Guerra do Contestado começou com um grande conflito armador que ocorreu no ano de 1912 a 1916, o confronto envolveu mais de vinte mil camponeses que habitavam aquela região, onde havia uma intensa disputa por terra. A guerra começou devido à construção da estrada de ferro. Também a construção de um depósito de madeira que estavam sendo financiado por uma empresa norte-americana e com o apoio de coronéis e dos políticos da região.

Para dar início a obra foram despejadas muitas famílias, que ficaram sem moradia e emprego, daqui surgiu a fome, a miséria e o desespero dos camponeses, foi

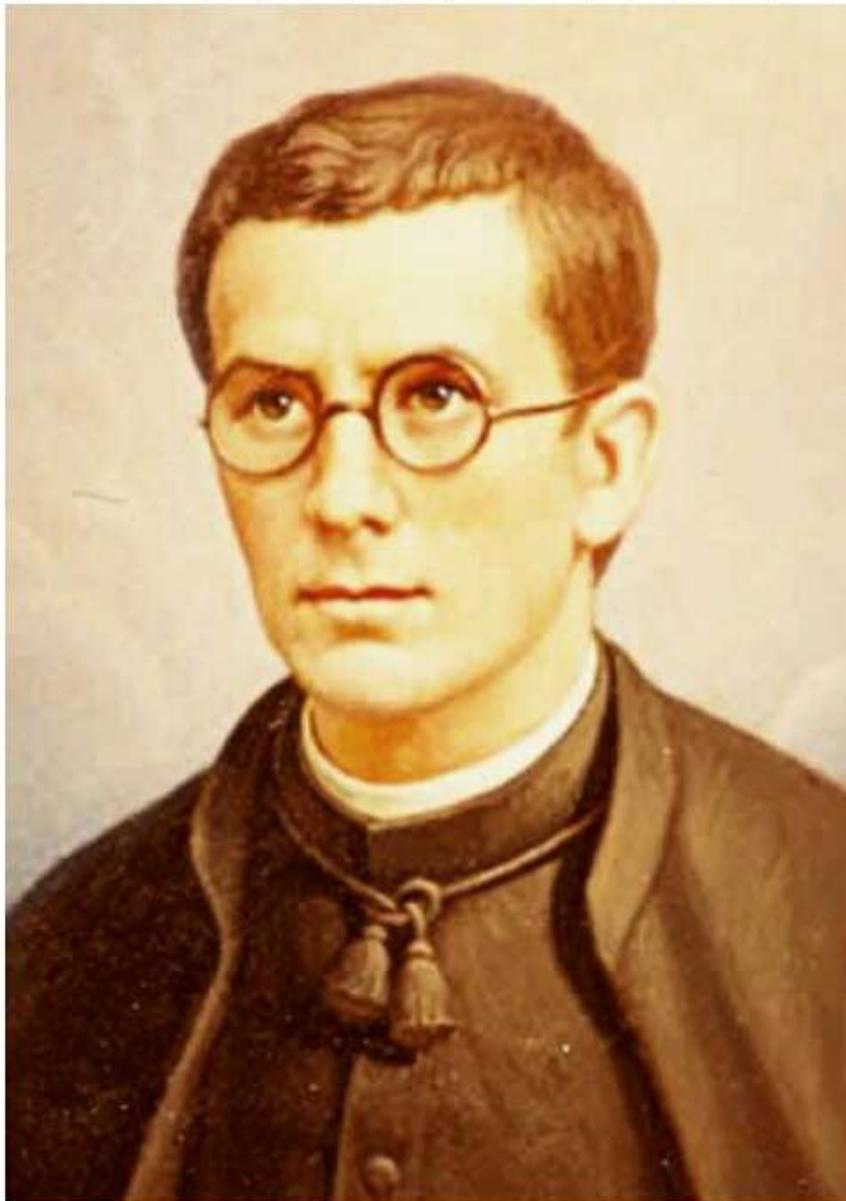
quando surgiu a figura de um beato chamado José Maria, assim como Conselheiro ele veio pregar a boa nova de Deus trazer paz e salvação para os aflitos, assim José Maria que era um monge também consegue um grande número de seguidores, logo também veio a conversa que o monge era inimigo da República e que possuíam grande capacidade de influenciar o povo contra eles, veio o mandato que teriam que exterminar José Maria e seus seguidores, os conflitos começaram quando os coronéis da região e os governantes Federal e Estadual, começaram a se preocupar com a popularidade do beato eles acreditavam que o monge queria desestruturar o governo e a ordem na região.

Por esses motivos foram mandados para a região soldados do exército com o intuito de desarticular o movimento do beato, daí por diante foram logo períodos de perseguição da polícia querendo prender José Maria e seus fiéis.

Os camponeses, assim como os fiéis de Conselheiro, organizaram-se para o embate. Eles não possuíam bons armamentos como os dos soldados; apenas as mesmas armas que os seguidores de Canudos, como paus, pedras, foices e outras. A guerra durou um longo período e muitos camponeses foram mortos. A estimativa do número de camponeses mortos é de cinco a oito mil, sendo que os soldados mortos foram quinhentos. A guerra do Contestado terminou em 1916, quando um dos soldados conseguiu capturar o chefe dos camponeses que se chamava A Deodato. Ele foi preso e condenado; pegou uma pena de trinta anos de cadeia por ser inimigo da República.

Se compararmos os conflitos de Canudos e do Contestado, notaremos que eles mostram as mesmas formas com que os políticos tratam as questões sociais no início da República. Os interesses da elite são protegidos; já os interesses da classe humilde são desprezados. José Maria, o monge, pouco se sabe sobre seu fim. Em 1911 ele deu início a sua carreira como pregador; muitos dizem que ele foi morto em 1912, na guerra, pelas forças armadas.

FOTO – 2 Pe. Beato José Maria.



Acervo Museu de História, 1999, São Paulo.

Considerações Finais

Com esta pesquisa procuramos discutir o caráter pedagógico da dimensão estética. O trabalho pensou nos benefícios que as obras culturais poderiam trazer ao ensino de história, quais as possíveis linguagens utilizadas e as novas dimensões da representação histórica que trariam estas obras para o aluno (e seu aprendizado).

A obra cultural traz uma bagagem satisfatória para o ensino. Muitos educadores as utilizam como complemento da disciplina que está sendo aplicada; a técnica audiovisual vem sendo trabalhada por muitos professores. A advertência a ser observada é que os filmes apresentam um lado positivo e outro negativo; eles expressam um conteúdo histórico através das emoções, como suspense, raiva, vingança, sexualidade, aventura, terror.

Para utilizarmos as obras culturais em sala primeiro temos que analisar esses aspectos; a obra de arte que não for trabalhada em uma espécie de tradução pelo professor corre o risco de ser mal interpretada. Neste trabalho apresentamos dois exemplos: o filme *Guerra de Canudos* e a obra literária *Os sertões*.

Procuramos desenvolver uma reflexão sobre a dimensão estética do ensino de história. Mostramos que é possível a utilização da estética no ensino da República Velha no Brasil. Através da arte, pode-se mobilizar a face “sensibilizadora do humano” (Cf. Veiga, 2008, p. 106). A estética tem esse potencial de construir, através dos sentidos, um potencial cognitivo. Através da arte se recorre à sensibilização do aluno.

Como enfatiza Rüsen, a consciência histórica (no aluno) é despertada na medida em que este mesmo aluno tem a consciência que é sujeito da história. Rüsen afirma que, neste estágio, o aluno se vê como um indivíduo com historicidade. Em *História viva*, ele esclarece que a dimensão estética é fator preponderante para despertar a “força da imaginação”. O que a pesquisa desenvolveu na matriz disciplinar, agora é tarefa da historiografia, na formatação, desenvolver a “relevância comunicativa”. Por isso a importância da estética no ensino de História.

Referências Bibliográficas

ARIÈS, Philippe. *O tempo da História*. São Paulo: Editora da Unesp, 2013.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BURKE, Peter (Org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Unesp, 1992.

CARDOSO, Ciro F. S. *Uma introdução à História*. 7ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CHARTIER, Roger. *História Cultural*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Lisboa, 2009.

CUNHA, Euclides da. *Guerra de Canudos*. 5ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Editora: Farperj Mauard, 2000.

DOSSE, François. *A História em migalhas: dos Annales à Nova História*. Bauru: EDUSC, 2003.

DOSSE, François. *A História*. Bauru: EDUSC, 2013.

LE GOFF, Jacques (Org.). *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MAGALHÃES, Marcelo [et al.] (Orgs.). *Ensino de História: usos do passado, memória e mídia*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2014.

MALERBA, Jurandir (Org.). *A História escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo: Contexto, 2008.

MANIERI, Dagmar (Org.). *Fenomenologia e hermenêutica histórica*. Porto Alegre: Editora Fi, 2016.

MOCELLIM, Renato. *Os guerrilheiros do Contestado*. Rio de Janeiro: Editora do Brasil, 2005

RÜSEN, Jörn. *História viva: as formas e funções do conhecimento histórico*. Brasília: Editora da UnB, 2010.

VEIGA, Lima P. A. (Org.). *Aula: gênese, dimensões, princípios e práticas*. Campinas: Papyrus Editora, 2008